

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA REGIONAL NO ENSINO  
MÉDIO NA MODALIDADE EJA**

**GEORGINA CONCEIÇÃO DA COSTA**

Parnaíba - PI  
2013

**GEORGINA CONCEIÇÃO DA COSTA**

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA REGIONAL NO  
ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EJA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Espec. Francisco Antonio Machado Araujo.

Parnaíba – PI  
2013

GEORGINA CONCEIÇÃO DA COSTA

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA REGIONAL NO ENSINO  
MÉDIO NA MODALIDADE EJA

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como exigência parcial para a conclusão do  
curso de Licenciatura Plena em História, à  
banca examinadora da Universidade Estadual  
do Piauí.

Aprovada em 15 / fevereiro / 2013.

Banca Examinadora

---

Prof. Esp. Francisco Antonio Machado Araujo  
Orientador

---

Prof. Ms. Erasmo Carlos de Amorim Moraes  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Silvia Maria de Carvalho Cardoso  
Examinador externo

Dedico a Deus, minha fortaleza e refúgio, ao meu amado pai (in memoriam), minha querida e dedicada mãezinha, aos meus preciosos sobrinhos, ao meu irmão, cunhada e ao meu amor, presente de Deus.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus autor do dom da vida que a cada instante ensina-me a caminhar conforme a direção de sua palavra. À meu pai, Raimundo Pereira da Costa (in memorian) pelo amor e esforço em oferecer a sua família sempre o melhor. À minha mãe, Maria do Socorro Conceição da Costa, mulher de fibra, lutadora que com garra lutou pelos seus ideais e dedicou-se incansavelmente pela sua família e nunca me deixou desistir. Ao meu irmão, George e minha cunhada Marcilene sempre presentes e a todos os meus familiares que torcem por mim. Aos meus queridos e amados sobrinhos e primas Léia e Leila.

Aos meus colegas de sala com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender esses quatro anos. Aos docentes profissionais dedicados que contribuíram em meu crescimento acadêmico. Aos meus alunos por demonstrarem carinho a cada dia de aula. Enfim a todos que eu amo o meu muito obrigada.

"O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento.

Provérbios 9:10

## **RESUMO**

A presente pesquisa perfaz uma análise sobre o ensino de História Regional no Ensino Médio na modalidade EJA, reconhecendo as práticas didáticas recorrentes em sala de aula, bem como, inferindo o valor atribuído pelos agentes educacionais a esta categoria de ensino. Para isso, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, empreendida por meio de um estudo de caso do tipo etnográfico, em turmas de 3º ano do Ensino Médio. Esta investigação contemplou uma escola da iniciativa privada e outra da rede estadual do Piauí. Concomitantemente, promoveu-se um estudo bibliográfico, estabelecendo referência a autores como Burke (1992), Barros (2004), Fonseca (2003), Schmidt (1998), Chervel (1990), entre outros. O intuito foi averiguar as causas e consequências do descaso dado à História Regional. A leitura desta produção possibilita aos leitores ponderar sobre a necessidade de incentivar e valorizar o ensino de História Regional nas escolas, uma vez que a mesma contribui para formação identitária de um povo.

**PALAVRAS-CHAVE:** EJA; História Regional; Identidade; Conhecimento.

## **ABSTRACT**

This paper makes an analysis on the teaching of Regional History in High School in the sport EJA, recognizing recurring teaching practices in the classroom as well, inferring the value assigned by educational institutions in this category of education. For this, we conducted a qualitative study, undertaken through an ethnographic study of caso, in classes of 3rd year of high school. This investigation included a school and another private initiative of the state of Piauí. Concomitantly, promoted a bibliographical study, establishing reference to authors such as Burke (1992), Barros (2004), Fonseca (2003), Schmidt (1998), Chervel (1990), among others. The aim was to examine the causes and consequences of the neglect given to Regional History. Reading this production allows readers to ponder the need to encourage and enhance the teaching of Regional History in schools, since it contributes to identity formation of a people.

Key words: EJA; Regional History; Identidade; Conhecimento.



## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1- Importância da História Regional na formação do aluno como cidadão.....                                 | 31 |
| Tabela 2- Acesso de materiais sobre História Regional pelos alunos da escola pública.....                         | 32 |
| Tabela 3- Acesso de materiais sobre História Regional pelos alunos da escola pública.....                         | 33 |
| Tabela 4- Satisfação dos alunos em relação a disciplina História do Piauí.....                                    | 34 |
| Tabela 5- Alternativas para melhorar o ensino de História Regional na escola pública.....                         | 36 |
| Tabela 6- Alternativas para melhorar o ensino de História Regional na escola privada.....                         | 36 |
| Tabela 7- Satisfação dos alunos em relação a carga horária disponibilizada a disciplina de História Regional..... | 38 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EJA – Educação de Jovens e Adultos

## SUMÁRIO

|                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                   | <b>11</b> |
| <b>1 CAPÍTULO I - TRATAMENTO DA PESQUISA.....</b>                        | <b>13</b> |
| 1.1 Concepção de pesquisa nos estudos acadêmicos.....                    | 13        |
| 1.2 Natureza da Pesquisa.....                                            | 14        |
| 1.3 Metodologia Aplicada.....                                            | 14        |
| 1.4 Universo da Pesquisa.....                                            | 15        |
| 1.5 Clientela Contemplada.....                                           | 15        |
| 1.5.1 Os alunos.....                                                     | 15        |
| 1.5.2 Os professores.....                                                | 16        |
| <b>2 CAPÍTULO II- HISTÓRIA REGIONAL E ENSINO MÉDIO.....</b>              | <b>17</b> |
| 2.1 História Regional: aspectos históricos.....                          | 17        |
| 2.2 O conhecimento histórico na construção da identidade regional.....   | 19        |
| 2.3 O currículo e a História Regional.....                               | 21        |
| 2.4 História Regional e a sala de aula.....                              | 23        |
| 2.5 O Ensino Médio e a EJA.....                                          | 25        |
| <b>3 CAPÍTULO III- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....</b>    | <b>27</b> |
| 3.1 Observação da prática docente.....                                   | 27        |
| 3.2 Análise e discussão do questionário aplicado com os professores..... | 28        |
| 3.3 Análise dos questionários aplicados aos alunos.....                  | 31        |
| <b>4 CONCLUSÃO.....</b>                                                  | <b>39</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>                                                 | <b>40</b> |

## INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos o cidadão precisa adquirir a habilidade em reconhecer seus direitos e requerer o exercício pleno da cidadania e isso só é realizável mediante a aquisição do conhecimento a partir da prática da luta social. Conscientes da importância da História em propiciar ao aluno a possibilidade de realizar releituras de um passado que foi construído e que o auxilia a refletir sobre o seu âmbito local.

A referida dissertação monográfica estabelece uma análise sobre o ensino de História Regional, já que a mesma integrando o específico com o nacional, proporciona de forma criativa e dinâmica construir a identidade de uma localidade. O objetivo geral dessa pesquisa é investigar como está sendo ministrado o ensino da História Regional nas escolas de Ensino Médio na modalidade EJA no município de Parnaíba, já que a referida modalidade abrange um corpo discente, na maioria dos casos formado por trabalhadores que, por diversos fatores, tiveram interrompida ou atrasada sua trajetória escolar. Como objetivos específicos intenta-se compreender o valor atribuído pelos agentes educacionais ao ensino regional; reconhecer as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula; observar o material pedagógico e o acervo disponível nas escolas; identificar as estratégias utilizadas pelo poder público na capacitação dos professores e mensurar a carga horária destinada pelos professores ao abordar o tema.

A referida disciplina corrobora para a formação identitária do aluno, fornecendo os subsídios indispensáveis à crítica reflexiva e disponibilizando ao mesmo a capacidade de integrar-se socialmente como sujeito participante das discussões sociais.

Todavia, não basta trabalhar questões relacionadas à História Regional, pois esta abordagem pode levar a um ensino tradicionalista e elitista, quando enfatizado os feitos dos grandes personagens da elite local (propagação dos grandes feitos), ou a uma gradativa participação na formação da identidade do aluno quando se opta por tratar de temas os quais propicie dar voz aos excluídos da história, inferindo como a sociedade e as camadas menos favorecidas concebem os fatos ocorridos numa localidade específica.

À luz de pensadores, como, Burke, Barros, Fonseca, Schmidt, Chervel, dentre outros, realizamos um estudo de caráter qualitativo e quantitativo, pautado na investigação do meio escolar, observando e analisando práticas educativas que envolvem o ensino da disciplina em estudo. Esperamos com esse estudo contribuir para a melhoria das condições de ensino e aprendizagem da História Regional favorecendo a formação de sujeitos conscientes de seu papel social em sua comunidade.

Quanto à estrutura da monografia, a mesma está organizada em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo tratamos da metodologia da pesquisa, enfocando os tipos de pesquisa, a natureza da investigação, os instrumentos contemplados, os sujeitos da pesquisa, bem como o campo investigado; no segundo capítulo, realizamos uma abordagem teórica envolvendo os principais pesquisadores da temática, de modo a ressaltar os conceitos já construídos no campo investigado; e no terceiro capítulo, tratamos da análise e discussão dos resultados da pesquisa, enfocando nossas principais descobertas e os aprendizados construídos ao longo do estudo. Após esses capítulos é feita as considerações finais a respeito da temática.

# CAPÍTULO I

## TRATAMENTO DA PESQUISA

### 1.1 Concepção de pesquisa nos estudos acadêmicos

Ao longo da graduação, nos deparamos com variadas teorias, almejando entender seus respectivos autores, galgando o desenvolvimento de nossos próprios entendimentos sobre o que tais teóricos apontam como conhecimento científico dentro do campo ao qual pertencemos. E neste segmento surge o que concebemos como pesquisa a qual segundo Ferreira (2000) é a “Investigação e estudo, minucioso e sistemático, com fim de descobrir fatos relativos a um campo de conhecimento”, a qual tem por finalidade a tentativa de quem dela faz uso de explicar os eventos científicos e/ou empíricos que ocorrem no meio social e humano.

A pesquisa consistiu em um processo sistemático de conhecimento que propiciou o surgimento de novos conhecimentos, de modo a se alcançar os objetivos propostos. Para Gil (1999, p.42), a pesquisa tem um caráter pragmático, é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Todavia, para que este processo tenha êxito é preciso que o mesmo seja direcionado frente a um projeto de pesquisa, o qual deve ser um elemento de orientação do qual dispõe o pesquisador, relacionando os passos que este deve seguir na busca das respostas que procura; logo, precisa surgir de uma necessidade real daquele (a) que se propõe a investigar um fato.

Quando decidimos acordar os pilares norteadores do projeto do qual resultaria a presente dissertação monográfica, procuramos quais os mais acertados caminhos para chegarmos aos nossos objetivos. E neste sentido, o primeiro passo foi compreender o que se concebe, atualmente, por pesquisa no campo dos estudos acadêmicos. Sabemos que não existe estudo sistemático sem que este seja produto de uma coerente pesquisa que empreenda uma apreensão dos fatos-variáveis investigáveis no campo da ocorrência, considerando as especificidades do que se está investigando, ou seja, é o elo entre o pesquisador e o objeto analisado, uma vez que aquele só produz mediante o conhecimento deste.

## **1.2. Natureza da Pesquisa**

Para plena aquisição dos saberes necessários à testagem e verificação das hipóteses, com o anseio de alcance dos objetivos propostos no projeto, foram abordados diferentes estratégias durante a aplicação do mesmo.

Este foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, a qual na visão de Prestes (2008) “é aquela em que o pesquisador, através de questionários, entrevistas, observação, etc., coleta seus dados, investigando os pesquisados no meio”, de natureza qualitativa e quantitativa a qual tomou por base o estudo de caso, visto que esta quando aplicada de forma conjunta e coerente sustenta os pilares de uma coesa análise investigativa. A mesma possibilitou um contato direto com o objeto em estudo, proporcionando meios para a formulação de um conhecimento aprofundado sobre o contexto investigado. O estudo de caso constituiu um processo de delimitação do fato a ser pesquisado no qual poderemos analisar sistematicamente o foco de estudo.

## **1.3. Metodologia Aplicada**

Uma pesquisa só tende a ser desenvolvida de maneira eficiente se for direcionada mediante uma coesa metodologia. Um método, conforme Galliano (apud Prestes, 2003), “é um conjunto de etapas, ordenadamente dispostos, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”. Logo, não poderíamos realizar o presente trabalho sem o planejamento de cada etapa em que consistira nossa investigação e para isso fizemos uso de uma diversidade de recursos.

Os procedimentos didáticos giraram em torno de uma dinâmica eclético/metodológica. Para tanto foram necessários a utilização de diferentes instrumentos tais como a observação da prática pedagógica dos professores envolvidos; entrevistas do tipo semiestruturadas pautadas num esquema de perguntas de caráter subjetivo e objetivo; aplicação de questionários, organizados em torno de indagações abertas e fechadas, entre professores e alunos do Ensino Médio.

No tocante à organização dos questionários, estes obedeceram às seguintes estruturas: o direcionado aos professores está composto por onze perguntas sendo todas objetivas; ao passo que o dos alunos foi elaborado ora com perguntas fechadas, com alternativas paradoxais em “SIM” e “NÃO” e alternativas de múltipla escolha, ora com questões abertas nas quais o educando foi estimulado revelar como ocorre o Ensino de História Regional no Ensino

Médio. No âmbito docente os educadores foram instigados a discorrer sobre suas práticas pedagógicas e as metodologias adotadas em sala de aula.

Com a observação tivemos uma breve visão de como são trabalhados os conteúdos de História Regional; as entrevistas permitiram um maior apanhado sobre o objeto de estudo da pesquisa bem como nos foi dada a oportunidade de saber a opinião dos professores acerca da temática em questão.

Tais procedimentos culminaram em momentos de testagem, análise, reflexão e crítica, o que nos levou a formularmos nossas conclusões sobre o que nos propomos a pesquisar.

#### **1.4. Universo da Pesquisa**

Fizeram parte da pesquisa uma instituição pública de Ensino Médio Regular da rede estadual de ensino no município de Parnaíba, gerenciada pela 1ª GRE – Gerência Regional de Educação de Parnaíba-PI e outra pertencente a iniciativa privada.

A escola pública compreende uma instituição de médio, na qual estão matriculados cerca de quinhentos alunos, aproximadamente, os quais estão divididos em 12 turmas, nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola privada, por sua vez, atende a uma clientela de cerca de mais de quatrocentos alunos e funciona nos três turnos, com dez turmas.

As duas instituições oferecem Ensino Fundamental e Ensino Médio nas modalidades regular e EJA, sendo que são responsáveis pela formação de uma parcela considerável de alunos parnaibanos e de municípios adjacentes.

#### **1.5 Clientela Contemplada**

##### **1.5.1 Os alunos**

Compõem esta pesquisa quarenta alunos (vinte da escola pública e vinte da escola privada) pertencentes ao 3º Ano do Ensino Médio na modalidade EJA no turno noite. Contemplamos apenas os alunos do 3º ano na tentativa de apreender como os alunos que terminam o Ensino Médio compreendem a importância da História Regional.

Os alunos da escola pública formam uma classe na qual há uma demasiada baixa estima. A grande maioria trabalha o dia todo e vem à escola já muito cansada, querendo o mínimo possível de aula e nenhuma obrigação posterior. Dificilmente ficam até o final do horário escolar e quando ficam não interagem de forma satisfatória. A professora gasta o maior tempo da aula fazendo apontamentos, pois o livro didático não fora distribuído aos mesmos pela quantidade insuficiente.



Em relação à escola mesmo sendo trabalhadores, os educandos (em sua maioria, adultos com mais de 30 anos de idade) se mostraram muito interessados em aprender, interagindo mais significativamente ao longo da aula. Alguns almejam ingressar na universidade.

### **1.5.2 Os professores**

Além dos alunos, selecionamos dois professores de História os quais ministram aulas nas respectivas turmas apontadas acima. O educador da escola pública, trabalha a trinta anos na educação e o da escola privada a seis anos. Os dois são graduados em História e nenhum com especialização na área. Os mesmos foram muito cordiais em nos receber e demonstraram interesse em nos ajudar com a pesquisa. O professor da rede pública têm uma jornada de trabalho de 20 horas semanais, pois já é aposentada pela Prefeitura Municipal de Parnaíba o da escola particular trabalha 40 horas na rede privada, entretanto já fora educador da rede pública.

## CAPÍTULO II

### 3 HISTÓRIA REGIONAL E ENSINO MÉDIO

#### 3.1 História Regional: aspectos históricos

O estudo regionalista favorece ao educando a compreensão do mundo tendo como epicentro da discussão as relações sociais envolvidas pelo cotidiano do aluno, proporcionando ao mesmo a capacidade de refletir criticamente sobre aspectos de sua realidade e resgatando o passado com auxílio de diversas fontes como, livros, literatura de cordel, músicas, poesias, fotografias, patrimônio histórico material e imaterial, documentos de arquivos, bem como, valorizando as fontes vivas através de depoimentos orais.

Analisar os aspectos constitutivos do ensino de História Regional é indispensável para a formação do cidadão, pois o aluno conceberá o saber como constructo humano e adquirirá a habilidade de avaliar os fatos do passado, questionando o presente e percebendo a história como uma produção coletiva que apreende o estudo das variadas fontes (produções ou qualquer vestígio da interferência humana) que contribuem no estudo do passado.

O ensino de História Regional nem sempre teve papel relevante nas instituições escolares, pois durante muito tempo ressaltou-se os acontecimentos políticos que por sua vez possuem estreita ligação com o nacional e o internacional e, conseqüentemente colocavam o regional em segundo plano. Em relação à dicotomia entre história regional e nacional Burke discorre:

De acordo com o paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente à política. Na ousada frase vitoriana de Sir John Seeley, Catedrático de História em Cambridge, “História é a política passada: política é a história presente”. A política foi essencialmente relacionada ao Estado; em outras palavras, era mais nacional e internacional, do que regional (1992, p. 10).

Em 1929 surge em meio à crise econômica mundial uma ruptura na produção historiográfica quando Marc Bloch e Lucien Febvre, docentes na Universidade de Estrasburgo, publicam um periódico denominado *Annales* o qual rejeitava a ênfase dada aos fatos estritamente políticos e econômicos e contemplava o estudo das atividades humanas, até então negligenciados. Daí surge o Movimento dos *Annales* rompendo com o culto aos heróis, buscando a participação de outras ciências na produção historiográfica.

O mencionado movimento é bastante heterogêneo sendo subdividido em três gerações, sendo que a primeira representada pelos fundadores da revista, Bloch e Febvre inova com a

contribuição das ciências sociais e partindo do pressuposto que toda atividade humana é história proporciona a diversificação dos estudos de outrora. Com a morte dos fundadores dos Anales começa a segunda geração sob a liderança de Fernand Braudel que intenta estudar a história do homem partindo do meio, o que ficou conhecida como geo-história, nesta fase surge alguns estudos sobre o regionalismo.

Já Jacques Le Goff, Roger Chartier, Pierre Bordieu, Michel de Certeau, Le Roy Ladurie e Michel Foucault compõem a terceira geração que principia uma nova perspectiva denominada Nova História perfazendo um estudo focalizando as partes e não o todo na tentativa de identificar as relações de poder na vida cotidiana, em contrapartida preocupando-se com as massas populares surgindo a história vista de baixo.

Assim, a partir da Escola dos Annales a História deixa de se fundamentar, exclusivamente, em temas distantes – nacionais – e inicia um processo de valorização dos fenômenos regionais, permitindo aos discentes a apreciação dos acontecimentos locais e correlacionando-os aos nacionais.

Nessa perspectiva o historiador inglês Edward Palmer Thompson em seu livro “A formação da classe operária inglesa.” lançado em 1963 fez uma observação sobre a participação das camadas sociais desfavorecidas o que culminou com a formação das classes operárias durante o período de 1790 a 1832. A classe operária inglesa é vista por Thompson como resultante da relação entre homens e mulheres e a sociedade:

“Não vejo a classe como estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações nas relações humanas (...) a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica (...). A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses diferem (e geralmente se opõem dos seus).” (THOMPSON: 1987, P.9-10)

Thompson ao analisar a classe operária alcança como eles percebem e se comportam diante dos fatos cotidianos, percebendo assim um fato social a partir das camadas operárias e, por conseguinte na tentativa de compreender sua consciência de classe que segundo o referido autor se constrói a partir do relacionamento entre si e a sociedade:

“A experiência de classe é determinada em grande medida, pelas relações de produção em que nasceram (...). A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais” (THOMPSON: 1987 p.10)

A História Regional alarga a amplitude das análises históricas contemplando as especificidades para a apreensão global do conhecimento historiográfico, como postula Oliveira:

[...] A Nova História, em suas diversas expressões, contribuiu para renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história, na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes. A História Regional constitui uma das possibilidades de investigação e de interpretação histórica. [...] Através da História Regional busca-se aflorar o específico, o próprio, o particular. (2003, p. 15.)

Conhecer as especificidades favorece não só o reconhecimento das particularidades de uma região, mas também auxilia na construção da identidade e na percepção das relações sociais estabelecidas em determinado espaço. Priori (1994, p. 182-183), defende a idéia da região como um espaço social construído historicamente, possibilitando identificar as peculiaridades de uma região. Entretanto, o estudo regional não se limita a conjecturar sobre as particularidades, porém utiliza-se das mesmas para efetuar as devidas conexões com o geral, como afirma o professor Neves (2002, p.89):

O estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistirá na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sócio-cultural, político e geo-ambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social.

Aprender história partindo da realidade propicia o desenvolvimento da habilidade do indivíduo em se orientar na vida e formar uma identidade histórica. Assim, o discente poderá situar-se no meio em que vive reconhecendo a dinâmica social como resultado da ação dos diferentes grupos em determinado momento.

### **3.2 O conhecimento histórico na construção da identidade regional**

A identidade regional é estabelecida a partir da leitura que determinado povo faz sobre o seu passado, leitura essa que se efetua na coletividade tendo o ensino de história como auxiliar na sua concretização. Castoriadis (1982, p. 13) destaca: “Todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história. Todo pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja seu ‘objeto’, é apenas um modo e uma forma do fazer social-histórico.”

A escola bem como o conhecimento historiográfico não podem ser concebidos isoladamente da sociedade, mas a serviço da mesma. Portanto, o próprio conhecimento histórico é resultado da sociedade em que está inserido. Agora é relevante perguntar-se como se fundamenta esse discurso histórico, será que as metodologias empreendidas nas escolas

desenvolvem um espírito crítico ou forma indivíduos passivos e conformados com a situação social vivenciadas.

A escola, juntamente com seus partícipes, bem como a história integram uma sociedade contemporânea que dita normas e regras impostas a escolarização formal. É preciso compreender a que propósito estão sendo ministrados os conteúdos, se os mesmos corroboram para a assimilação de valores e conseqüente controle social ou na superação de paradigmas e limites promovendo a democratização do saber contemplando a participação dos excluídos. Por isso a construção de um saber está diretamente ligada a visão da sociedade na qual se encontra inserida, portanto se temos alunos acríticos que não são estimulados a refletir sobre o passado teremos cidadãos passivos que não promovem a mudança nem mesmo a transformação acostumar-se-ão a mesmice todavia se estimulados a refletir sobre os fatos passados correlacionando ao presente estarão aptos a promoção de uma sociedade mais justa.

A identidade regional é o resultado da visão coletiva que os membros fazem de si mesmos e de seu passado o que pode acarretar na perpetuação de estruturas de poder existentes:

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social (BERGER;LUCKMANN, 1999, p.228).

As estruturas sociais atuam diretamente na formação da identidade coletiva muitas vezes contribuindo para a manutenção das relações de poder que permeiam a sociedade, por isso alunos e professores cientes desse vínculo podem não somente detectar os discursos que propiciam as desigualdades mas combatê-los.

Assim os conteúdos históricos manifestam uma memória que enfatiza peculiaridades de um determinado fato histórico enquanto oculta outros. Cabe ao docente estimular o aluno a apreender as diversas facetas do conhecimento através da variedade das fontes o que proporcionará contemplar os múltiplos discursos sobre os acontecimentos e contribuirá para o exercício da cidadania. Ao dissertar sobre a memória coletiva Le Goff disserta:

(...) a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais do poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, grupos, indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são revelados desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (1996, p.426)

Desse modo o aluno é estimulado a perceber os diálogos históricos com criticidade procurando contextualizá-los, questioná-los com outras fontes e apreender o presente como resultado da ação do homem que pode ser contestada, combatida e até mesmo alterada.

No desenvolvimento da História Tradicional a análise sobre o passado inferiu na pretensão de extrair uma verdade única, objetiva e inquestionável dos fatos na qual a participação da sociedade era tida como irrelevante sendo explorado as iniciativas da classe dominante considerados determinantes dos acontecimentos. Fonseca (1993, p. 61) certifica uma busca por validar através do ensino de História a preponderância do Estado e da classe dominante subjungando a liberdade de pensamento dos demais atores sociais e suscitando uma uniformidade dos mesmos na tentativa de formar o homem detendo as características de um cidadão que contribui para atender aos interesses do Estado e da Nação.

Segundo Bittencourt (1998, p. 25) o conteúdo de História demanda um método científico onde o saber seja reestruturado de forma dinâmica e contínua na sala de aula a partir das representações sociais dos docentes e discentes. Assim o conhecimento histórico não deve ser um conhecimento distante dos alunos ou uma mera transposição de conteúdos e sim promover a discussão dos acontecimentos do passado correlacionando-os com os fatos cotidianos onde os alunos identifiquem as transformações, rupturas e permanências sociais proporcionando aos mesmos uma reflexão acerca da sociedade atual e favoreça uma ativa transformação social.

### **3.3 O currículo e a História Regional**

O currículo norteia as práticas pedagógicas elencando não só uma série de conteúdos, mas contemplando toda atividade educativa na sala de aula. Para Forquim (1993) o termo currículo, na tradição pedagógica, originalmente está associado a “programa” ou “plano de estudos”, mas expressa atualmente ampla diversidade semântica e multiplicidade de usos é uma produção social e como tal está permeado das relações da sociedade. Assim quando mencionamos currículo estamos nos referindo à prática, ação educativa que influencia e é influenciada pelos agentes educacionais.

Como um componente da instituição escolar o currículo auxilia o processo educacional promovendo a adaptação dos conteúdos à realidade dos educandos conforme sua origem latina (*currere*) que significa carreira, portanto é um percurso a ser trilhado para a produção do conhecimento nas escolas.

Segundo Silva (1995, p. 184) o currículo reúne o conjunto de todas as experiências de conhecimento proporcionadas aos discentes representando as intenções e efeitos que as instituições escolares e os dispositivos pedagógicos produzem sobre os alunos e as alunas no sentido, explícito ou não, de transmitir ou formar, de produzir um campo de disputa pela formação de identidades nas novas gerações de crianças, adolescentes, jovens, adultos/as e/ou profissionais.

O currículo é derivado dos anseios e expectativas da sociedade no qual se insere, pois é um produto da social e como tal reflete as relações de poder existentes na mesma. Defendendo o currículo estabelece como elo de intercomunicação entre cultura e sociedade exterior Sacristán define:

O currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (idéias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições. (1999, p. 61)

Assim o currículo só pode ser compreendido a partir da sociedade da qual faz parte. Silva (1996, p. 23) se refere ao currículo como um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, relações em que acabam por revelar as subjetividades sociais onde currículo, poder e identidades sociais se inter cruzam. Ao manifestar aspectos culturais e sociais o currículo tem o perigo de exercer a função de permanência das estruturas sociais ou de contestação para a promoção das transformações sociais. O autor discorre:

[...] é importante ver o currículo não apenas como sendo constituído de “fazer coisas”, mas também vê-lo como ‘fazendo coisas às pessoas’. O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós. O currículo tem de ser visto em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele nos faz). Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz. (SILVA, 1995. p. 4)

Se o currículo emana as relações de poder socialmente estabelecidas os professores precisam estar atentos à capacidade do mesmo e questioná-lo utilizando como ferramenta propiciadora de mudanças. Com essa idéia corrobora Pacheco (2005, p. 37) ao conceber o currículo como um instrumento de formação, com propósito bem definido e que, tal qual uma moeda, apresenta uma dupla face: a das intenções, ou do seu valor declarado, e a da realidade, ou do seu valor efectivo, que adquire no contexto de uma estrutura organizacional.

Como agente que coloca em prática o currículo, o professor segundo Sacristán (2000, p. 165) é quem concretiza o currículo a partir de uma prática desenvolvida através de múltiplos processos e na qual se entrecruzam diversos sistemas ou práticas diferentes e conclui que o currículo molda os docentes, mas é traduzido na prática por eles mesmos – a influência é recíproca.

Sacristán (2000, p. 187) afirma que os currículos geralmente apresentam conteúdos desprendidos da realidade dos alunos tudo tornam o ensino O professor conhecedor do currículo decide quais os conteúdos devem ser trabalhados em sala a partir da observação realidade dos seus alunos como também de fatores como tempo e materiais disponíveis. Segundo Sacristán, os docentes não devem pretender receber currículos prontos e conectados com sua realidade, assim,

Não se pode esperar que os currículos que a administração apresenta aos professores, dado o formato com o qual costumam se elaborados, possam comunicar a estes uma determinada visão clara, coerente e operativa das áreas de conhecimento que contêm. Por tudo isso, não é estranho que os currículos e a prática de nosso ensino básico e do secundário tenham um caráter memorialístico de saberes pouco estruturados e, por isso mesmo, pouco valiosos e estimulantes intelectualmente; boa parte deles está composta de tópicos desconectados entre si e sem projeção educativa. (SACRISTÁN, 2000, p. 187).

Portanto, é evidente a necessidade do corpo docente em adaptar o currículo as reais necessidades e anseios dos seus alunos tanto para promover a contextualização do conteúdo como também para que o aluno possa identificar-se com o conteúdo ministrado compreendendo os sujeitos sociais operantes na história e principalmente reconhecendo a participação da classes menos favorecidas na construção historiográfica.

### **3.4 História Regional e a sala de aula**

A escola não é mais concebida como espaço de mera transmissão de informações adquiridos pela humanidade, mas um local no qual através da dialogicidade investigue as várias vertentes do saber promovendo a criticidade e o desenvolvimento do saber. Atualmente, várias discussões são empreendidas na tentativa de superar a reprodução e gerar a produção do conhecimento, mas para que isso aconteça o professor exerce um papel fundamental despertando nos discentes olhares diversos sobre o mesmo objeto de estudo suscitando a reflexão.

Chervel (1990, p. 184) acredita que a escola juntamente com as disciplinas escolares presentes em seu currículo detém a capacidade criativa, sobre o poder dessa instituição declara: “ela forma não indivíduos, mas também uma cultura que vem, por sua vez, penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global”.

Diante do poder advindo da escola pergunta-se o que precisa e deve ser ensinado para formar cidadãos capazes de vivenciar a cidadania plena? E, no caso da História quais os conteúdos são imprescindíveis na sala de aula? A Lei de Diretrizes e Bases da Educação



Nacional que regulamenta o ensino brasileiro certifica a necessidade de respeitar as especificidades regionais quando o artigo 26 subscreve:

Art 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (LDB, 1997, p.23)

A sala de aula deve permitir aos sujeitos envolvidos no processo educacional o compartilhamento das experiências individuais e coletivas com o objetivo de impulsionar a construção do saber, uma vez que “[...] o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou este conhecimento” (SCHMIDT, 1998, p. 57).

Durante o processo de aprendizagem a pesquisa assume papel relevante levando o discente a assumir uma postura investigativa reconhecendo a pluralidade e adquirindo uma atitude questionadora diante dos fatos e fontes históricas tornando-se pessoas ativas na sociedade.

O professor de História é o responsável por auxiliar seus discentes durante a produção do saber transformando o conjunto de acarbouço de acontecimentos em conhecimento no qual o discente compreenda o passado de maneira que participe do presente e, isso se dá de forma interativa com os saberes e as várias metodologias adotadas em sala fugindo de estereótipos e dando voz aos excluídos.

De acordo com Sacristán as práticas didáticas isoladas não alcançarão a finalidade de promover a formação de indivíduos reflexivos, por isso precisam estar conectadas a um currículo que contemple a diversidade. Segundo o pesquisador:

[...] a escola como instituição surge e funciona como agência de assimilação à cultura predominantemente estabelecida. E as práticas organizativas e metodológicas nos sistemas escolares compõem uma herança impõe uma tendência à homogeneização dos tratamentos pedagógicos. (SACRISTÁN, 1995, p.103)

O currículo multicultural além de fornecer conhecimentos diversos favorece o respeito e a tolerância a diversidade. Segundo Forquin (1993, p.143), é a busca do “universalismo aberto e tolerante” em oposição ao “universalismo etnocêntrico e dominador”, tão realçado, entre nós, pela chamada “história geral ou universal” dominante nos currículos tradicionais.

A escola para formar sujeitos pensantes requer conciliar além de bibliografias variadas, um currículo multicultural e práticas metodológicas que suscitem o debate, a investigação e a criação.

### **3.5 O Ensino Médio e a EJA**

Ao longo dos anos, o Brasil apresentou altos índices de pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram o Ensino Fundamental, em contrapartida, várias políticas públicas foram implementadas na tentativa de superar o problema. Com a propagação de programas de alfabetização e conclusão desta modalidade se fez essencial assegurar aos jovens e adultos que concluem o Ensino Fundamental a continuação dos seus estudos através do Ensino Médio, tanto para dar prosseguimento a sua trajetória escolar como para ampliar as oportunidades no mercado de trabalho.

A modalidade de ensino citada é composta por pessoas, em sua maioria, trabalhadores com o intuito de prosseguir seus estudos e tornar-se indivíduos conscientes capazes de interagir com a sociedade e adquirir subsídios para melhoria de sua qualidade de vida. O parágrafo primeiro do artigo 37 garante tanto a gratuidade do ensino aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade de efetuar-lo no período regular como a disponibilização de condições apropriadas aos anseios dos seus discentes. A gratuidade é essencial para garantir o acesso de todos a educação, contudo as peculiaridades de seu público alvo requer das organizações de ensino como dos docentes estratégias que propiciem a permanência e continuidade da sua escolaridade. Apesar da importância da gratuidade, em contrapartida é pertinente ressaltar a dificuldade dos docentes por não terem formação específica em suprir as necessidades do público alvo atendidos pela multiplicidade de realidades apresentadas.

Sabemos que a referida categoria é parte integrante da Educação Básica, segundo a Resolução 01/2000, do Conselho Nacional de Educação. O artigo 5º, em seu parágrafo único, assegura que a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.

Segundo o princípio da equidade, a educação favorecerá aos estudantes uma redistribuição com mais igualdade dos bens sociais, levando em consideração os aspectos

específicos do público alvo. Assim, a educação deve provir aos jovens e adultos maiores oportunidades de restabelecer sua trajetória escolar, de modo a estabelecer a igualdade social.

A integração social a partir da apropriação do conhecimento escolar requer a utilização das tecnologias e dos meios de comunicação com uso tão recorrentes na atualidade.

O Ensino Médio prioriza a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico e dentro desse contexto os conhecimentos de História são auxiliares na construção da identidade coletiva, a partir de um passado em que os grupos sociais compartilham de uma memória socialmente construída. Assim, a sala de aula da EJA deve fomentar a aquisição de uma cidadania plena que se estenda tanto às relações de trabalho como as outras relações sociais, gerenciando um autoreconhecimento por parte do discente situando-se, histórica, cultural e socialmente, na coletividade.

## **CAPÍTULO III**

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA**

Neste capítulo apresentaremos a análise dos dados obtidos a partir da coleta dos dados durante a pesquisa, por meio das observações e dos questionários aplicados aos participantes. Tais dados foram confrontados com os teóricos que estudam o tema em discussão. Para obtermos as informações ao tema pesquisado, tivemos a colaboração das professoras e dos alunos que responderam aos questionários, bem como das observações feitas durante a pesquisa.

A presente análise dar-se-á por meio das seguintes categorias:

- Observação da prática docente;
- Análise do questionário aberto aplicado aos professores;
- Análise do questionário fechado aplicado aos alunos.

#### **3.1 Observação da prática docente**

Durante as observações foi analisada a prática das professoras, e o desenvolvimento dos alunos no processo ensino aprendizagem, bem como, a relação entre ambos. As professoras desenvolvem uma metodologia de exposição dos conteúdos com a utilização de textos de fácil entendimento por parte dos discentes, no decorrer do processo descrito os alunos são estimulados a questionar a respeito do que está sendo ensinado, despertando-os a serem críticos e reflexivos.

Ambas as turmas observadas mantêm-se atentas durante a explanação do conteúdo, talvez por se tratar de um público adulto conscientes de suas expectativas em relação ao processo educacional. Há um respeito mútuo entre os agentes educacionais e uma interatividade facilitadores do momento de ensino-aprendizagem. Os docentes demonstram domínio dos conteúdos abordados, sendo que o docente da iniciativa pública utiliza maior parte do tempo em apontamentos contemplando a visão de apenas um teórico o que acarreta um grande prejuízo educacional já o da iniciativa privada durante a exposição desperta maior participação da turma durante as explanações orais elencando diversos posicionamentos acerca do tema em questão.

Apesar do esforço dos docentes em promover estímulo a participação dos alunos, os mesmos nem sempre correspondem de maneira satisfatória, nesse sentido destacamos a turma

integrante do ensino público que se mantém passivos durante as aulas e em silêncio durante as perguntas propostas pelo docente o que demonstra insegurança em dialogar sobre os temas discutidos.

Durante as observações não foram utilizadas nenhum suporte educacional além de textos didáticos o que torna a aula muito repetitiva sem inovações com um roteiro já conhecido pelos alunos. É preciso atentar para o uso e domínio da tecnologia nos dias atuais como fundamental para o exercício da cidadania, portanto a escola precisa motivar, incentivar e usar novas tecnologias em sala.

### **3.1 Análise e discussão do questionário aplicado com os professores**

No decorrer da coleta de dados efetuamos observações no 3º ano do Ensino Médio na EJA. Por conseguinte descreveremos o comportamento dos alunos, bem como, as metodologias de trabalho dos professores. Em relação aos docentes os dois mantêm um bom relacionamento com os alunos, sendo que o da escola privada por ter uma postura bem descontraída consegue maior atração por parte dos discentes.

Aplicamos um questionário com os professores, com o objetivo de inquirir sobre aspectos profissionais como o perfil dos mesmos em sala de aula bem como o exercício de suas práticas educacionais relativas ao ensino da História Regional e a quantidade de anos que atuam na área da educação.

Os questionários solicitavam informações profissionais dos professores, aqui identificados sob os pseudônimos de “*Professora*” e “*Historiador*”. *Professora* é habilitada em Magistério pela Escola Normal Francisco Correia, possui graduação em História pela Universidade Estadual do Piauí; atua há 30 anos na Educação, tendo mais de uma década de experiência em docência na EJA sempre atuando em instituições públicas. *Historiador* é licenciado em História e possui um curso de criminalística. Está no magistério há pouco tempo; já ministrou aulas em escolas públicas, todavia atualmente é docente somente da iniciativa privada.

Segundo relato dos docentes, eles cursaram disciplinas relacionadas à História Regional durante sua formação profissional, o que lhes garante não só o contato com materiais acerca do tema abordado, mas também os capacita a trabalhar didaticamente e assim fazer a conexão entre passado e presente, pois concluem que a formação inicial do profissional da educação é imprescindível para seu desempenho, como discorre Fonseca (2003, p. 35):

Entretanto, é sobretudo na formação inicial, nos cursos superiores de graduação, que os saberes históricos e pedagógicos são mobilizados, problematizados, sistematizados e incorporados à experiência de construção do saber docente. Trata-se de um importante momento de construção da identidade pessoal e profissional do professor, espaço de construção de maneiras de ser e estar na futura profissão.

Quando perguntados sobre a frequência em que ministram o conteúdo, *Professora* e *Historiador* responderam semanalmente e mensalmente, respectivamente. Diante do relato, fica evidente a dicotomia empreendida pelos professores em fragmentar o ensino da história subdividindo-o em regional e nacional. Segundo Gonçalves (2001), vive-se num mundo globalizado, no qual a circulação de idéias se dá numa grande velocidade tornando-se eficaz a socialização entre história regional e nacional. Em contrapartida torna-se inviável a separação entre as duas vertentes da história citadas, pois o específico está inserido em um contexto amplo que apreende diversas facetas regionais. Neves (2002, p.89) elenca que a análise nacional redimensiona o estudo do regional identificando as diferenças e promovendo a interação entre os grupos sociais, alcançando os vencidos e vencedores, por fim proporcionando a ligação do indivíduo com o social. Contudo, o esperado seria o trabalho integrado do ensino estabelecendo conexões no transcorrer dos conteúdos ministrados.

Em relação à participação em cursos de capacitação, *Professora* afirmou ter participado em 2008 de um curso na área, em contrapartida, *Historiador* nunca participara. De acordo com a fala dos professores as duas instituições não disponibilizam cursos de aperfeiçoamento ao corpo docente e os mesmos asseveram que é preciso a ampliação de investimentos na área para o progresso na qualidade do ensino de História Regional. Mediante as respostas, nota-se uma despreocupação por parte da iniciativa pública e privada na capacitação profissional, apesar das Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+ - ENSINO MÉDIO) que trata sobre a preponderância das instituições manterem programas de formação permanente ressaltando que o êxito dos programas de formação estão essencialmente ligados a atitude dos professores.

No que diz respeito à pergunta sobre a valorização, os dois professores asseguram a importância dada pela instituição onde trabalham, já que segundo eles as mesmas disponibilizam materiais de pesquisa a docentes e alunos. Não obstante, quando interrogados sobre material didático os docentes discorrem:

**Professora:** Não adoto em sala de aula o livro enviado pela Secretaria de Educação, pois os livros vieram em quantidade insuficiente e para resolver o problema de falta de material, utilizo livros de aquisição própria e passo apontamentos a turma. Os materiais que possuo foram comprados por mim.

**Historiador:** Estabeleço recortes com diversos materiais de aquisição pessoal, pois o material adotado pela escola é muito restrito. E sempre utilizo vários livros sobre o tema, pois tenho interesse pessoal pelo assunto.

Conforme as respostas, fica nítido a ausência da adoção de um livro didático acessível a professores e alunos o que desencadeia um prejuízo educacional. O livro é um componente essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois conforme afirma Bittencourt (1998), o mesmo orienta o trabalho metodológico fornecendo ao professor um direcionamento acerca dos conteúdos a serem abordados como também oferece-lhe uma série de técnicas que lhe ajuda em sua prática docente. Apesar de sua relevância o livro é apenas um referencial que precisa estar vinculado com diversos textos e fontes, pois sua exclusividade proporcionará uma visão unilateral do conhecimento desconfigurando o processo de dialogicidade. O contato apenas com o livro transmitirá a concepção de saber pronto, inacabado e incontestável enquanto a variedade de materiais despertará a criticidade e a reflexão conscientizando o discente que o conhecimento é um processo de construção.

Indagados sobre a importância da disciplina para a formação dos alunos, obteve-se as seguintes explicações: “Importante, porém preciso dar ênfase aos conteúdos de História Geral e do Brasil devido a concursos como Vestibular e Enem” (PROFESSORA); “Muito importante” (HISTORIADOR).

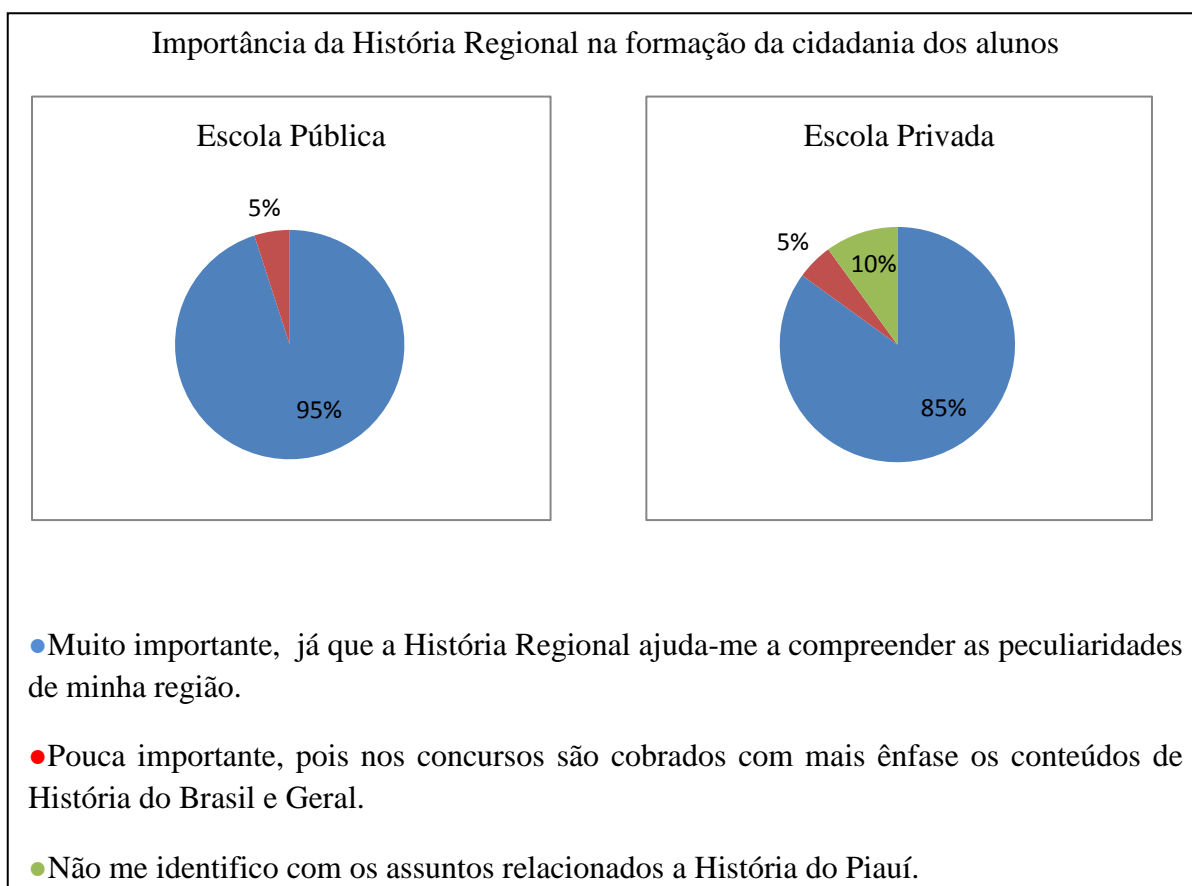
É notório o valor inserido aos conteúdos de História do Brasil e Geral em decorrência dos concursos acima citados, mas a sala de aula como conceitua Gonçalves (2001) é o espaço privilegiado onde os saberes regionais, nacionais e mundiais se cruzam promovendo a formação integral do discente tornando-o capaz de interpretar o momento histórico em que vive. Por conseguinte, é preciso interligar os conteúdos e não subqualificar temas que possibilitarão aos alunos tornarem-se protagonistas em sua realidade, até porque o regional só pode ser entendido inserido em um complexo nacional. Além disso, a história nacional acaba por retratar temas longínquos enquanto o regional aproxima o discente do conhecimento histórico despertando-o para um aprendizado significativo.

Ambos os professores garantem o interesse pelo assunto abordado por parte dos discentes, pois constata a atenção da turma durante as aulas expositivas. Não obstante, a discussão do tema onde os alunos possam manifestar suas análises e relatar suas experiências torna o aprendizado mais significativo e prazeroso. Segundo Freire (1976, p. 143) “a relação dialógica é o selo do ato cognoscitivo, em que o objeto cognoscível, mediatizando os sujeitos cognoscentes, se entrega a seu desvelamento crítico”, portanto, o saber não é repassado, e sim construído a partir da interação dialógica entre os agentes educacionais e o saber. Entretanto,

os professores precisam adotar metodologias que contemplem a participação e motivação dos seus discentes.

#### 4.2 Análise dos questionários aplicados aos alunos.

Ao serem questionados sobre a importância da História do Piauí para sua formação como cidadão obtivemos as seguintes respostas dos alunos:



**Tabela 1-** Importância da História Regional na formação do aluno como cidadão.

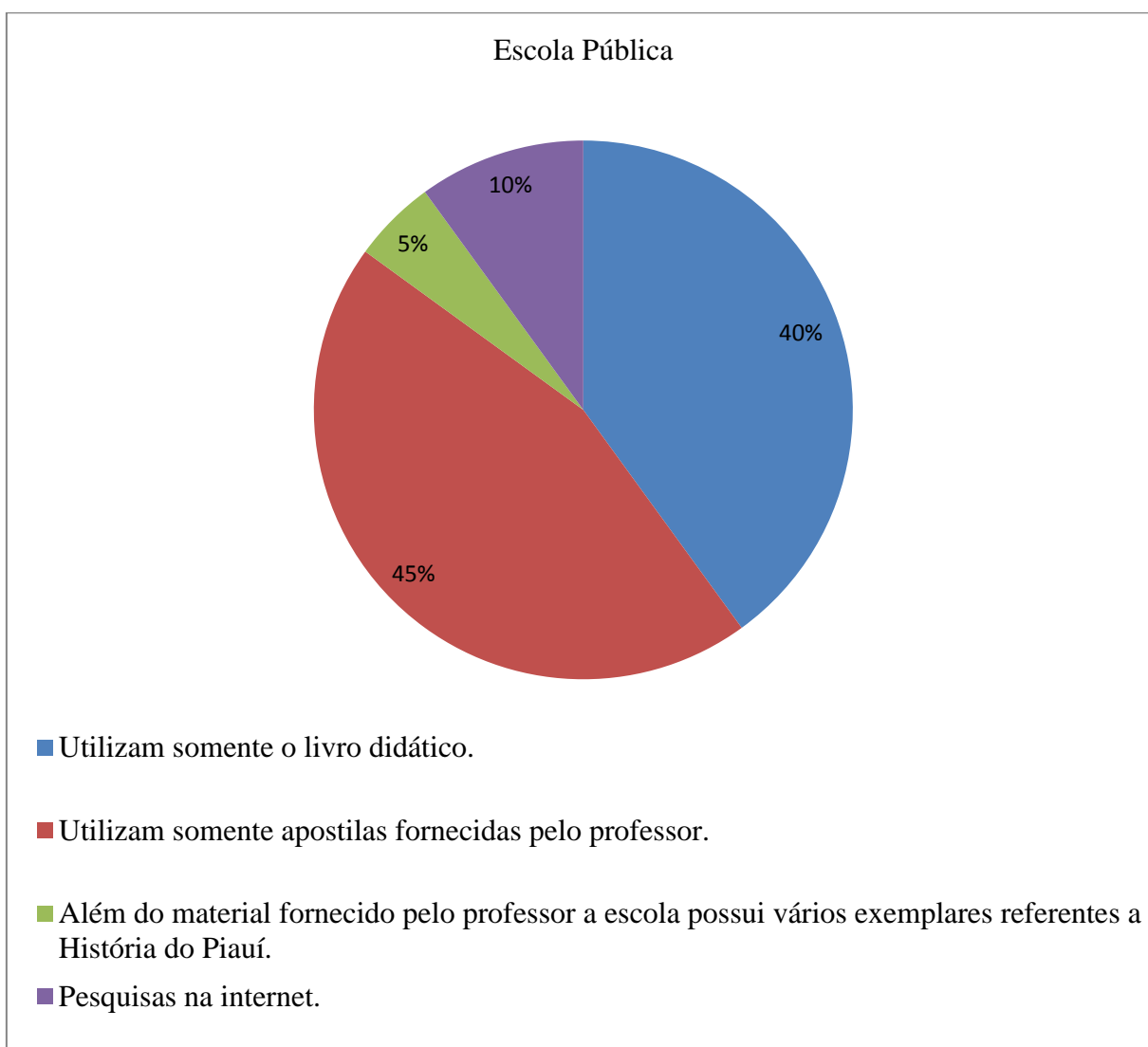
É notório, de acordo com as respostas adquiridas na tabela 1 que os alunos em geral percebem a importância dos estudos regionais para a sua formação como cidadãos. A História juntamente com as demais disciplinas mediante um trabalho interdisciplinar tem a função de fomentar nos discentes a predisposição de interagir socialmente almejando transformações no âmbito social. Fonseca (1997, p.18) entende que o ensino de História tem por prerrogativa valorizar a problematização concomitantemente proporcionando a análise crítica da realidade despertando nos alunos e professores a consciência de sujeitos históricos dispostos a resistir



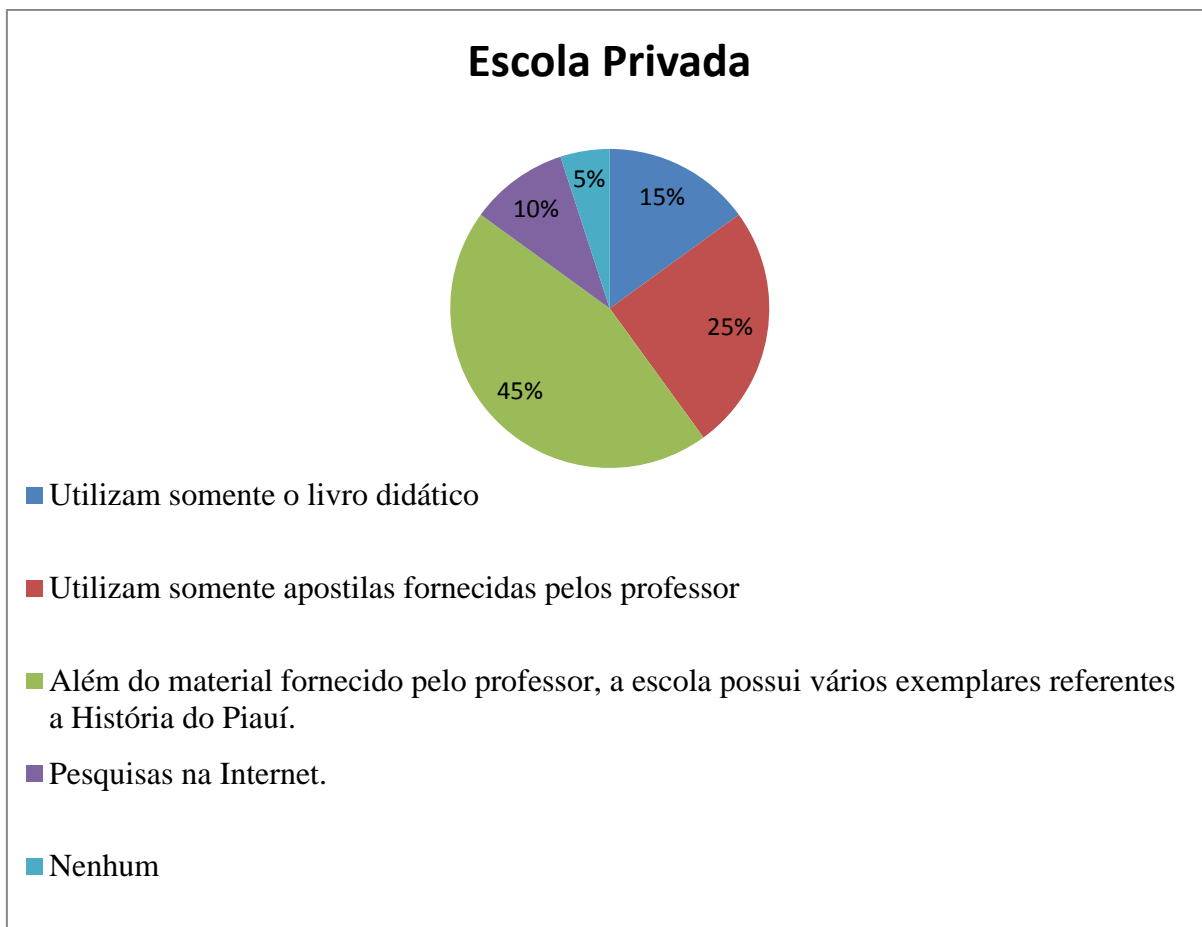
às desigualdades e conseqüentemente atuando de maneira dinâmica nos diversos espaços de vivências.

A EJA não deve se contentar em capacitar jovens e adultos para o mercado de trabalho, mas empreender a reflexão histórica formando pessoas conscientes de seu papel social, assim esses alunos tornar-se-ão agentes transformadores do meio em que vive cooperando para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Mas essa conscientização somente se dará de forma plena quando os próprios alunos conceberem a importância de refletir sobre os fatos históricos inserindo a si próprios como agentes sociais capazes de interagir influenciando a sua comunidade.

Quando inquiridos sobre o acesso a materiais sobre História Regional auferimos as seguintes respostas:



**Tabela 2-** Acesso de materiais sobre História Regional pelos alunos da escola pública.



**Tabela 3-** Acesso de materiais sobre História Regional pelos alunos da escola pública.

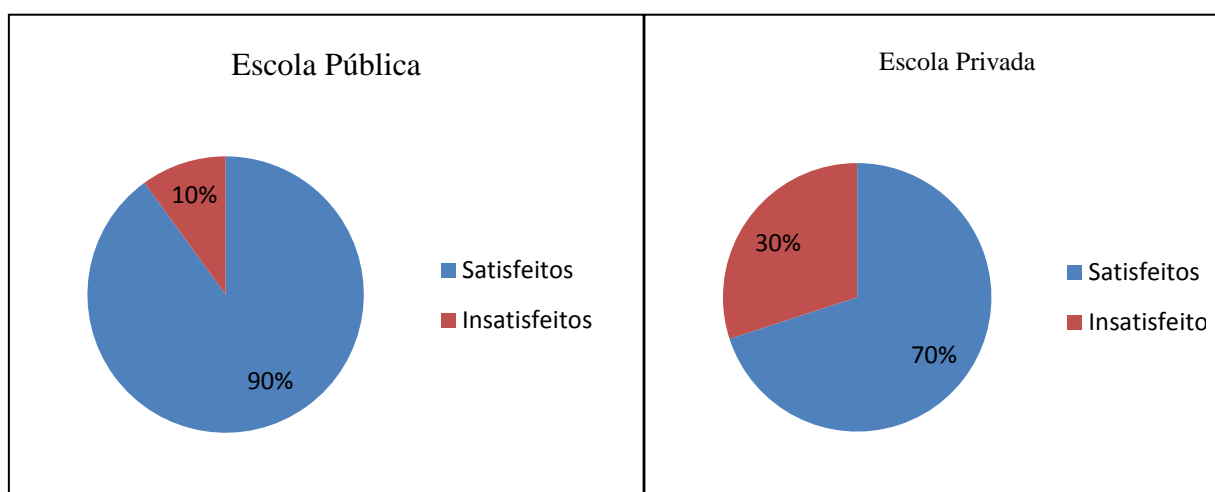
De acordo com as respostas constatamos que os discentes em sua maioria limitam-se aos conhecimentos fornecidos pelos professores seja em forma de apostilas ou do próprio livro didático. Reconhecemos a importância do material didático disponibilizado pelo professor como norteador do trabalho pedagógico, assim como afirma Bittencourt (1998), um instrumento metodológica que provê ao docente diversas metodologias auxiliares em sua prática. É inquestionável a relevância da adoção de um material no qual tanto professores quanto alunos tenham acesso, porém limitar-se a ele é restringir o conhecimento a visão de um único autor perdendo assim a percepção ampla do saber. Logo, os docentes devem primeiramente ser pesquisadores e ao abordar determinado tema perceber que há vários discursos sobre o tema abordado.

Com o a multiplicidade de relatos sobre os fatos históricos os alunos apreciarão a história como uma construção humana e social e, por isso os mesmos necessitam analisar criticamente os discursos históricos e a partir daí reconhecer a si próprios como cidadãos participantes e formadores de uma narrativa histórica.

Entretanto, ressaltamos pelas respostas que os professores não incentivam os alunos a pesquisarem em outros materiais como livros ou mesmo internet de uso tão recorrente atualmente. Isto remete a uma problemática, já que a aula de aula deve ser um local onde os saberes discutidos propiciarão a formação de um conhecimento próprio e no caso da história a formação identitária deste alunado, como está sendo formado esse saber se os discursos praticamente se resumem ao que os professores trazem ou defendem. E o problema se agrava quando o discente adota um único autor como foi observado no item anterior pelo professor da escola pública. Assim o conhecimento não está sendo discutido nem mesmo capacitando sujeitos questionadores dos fatos e, por conseguinte de sua realidade o que verifica-se é a transmissão de uma vertente historiográfica comprometendo seriamente a formação de um sujeito crítico.

Portanto é necessário a adoção por professores de uma metodologia que estimule seus alunos a pesquisar, a inquirir e a investigar sobre os fatos do passado tendo os discursos como produtos da ação humana em um determinado período social e, conseqüentemente imbuídos de práticas, preconceitos e anseios de uma sociedade. Assim a sala de aula tornar-se-á um espaço de compartilhamentos de significados como concebe Schmidt & Garcia (1999).

Na tentativa de apreendermos como os alunos avaliam suas expectativas em relação ao desenvolvimento da História do Piauí os mesmos foram interrogados sobre a satisfação sobre a disciplina em estudo e o resultado foi o seguinte:



**Tabela 4-** Satisfação dos alunos em relação a disciplina História do Piauí

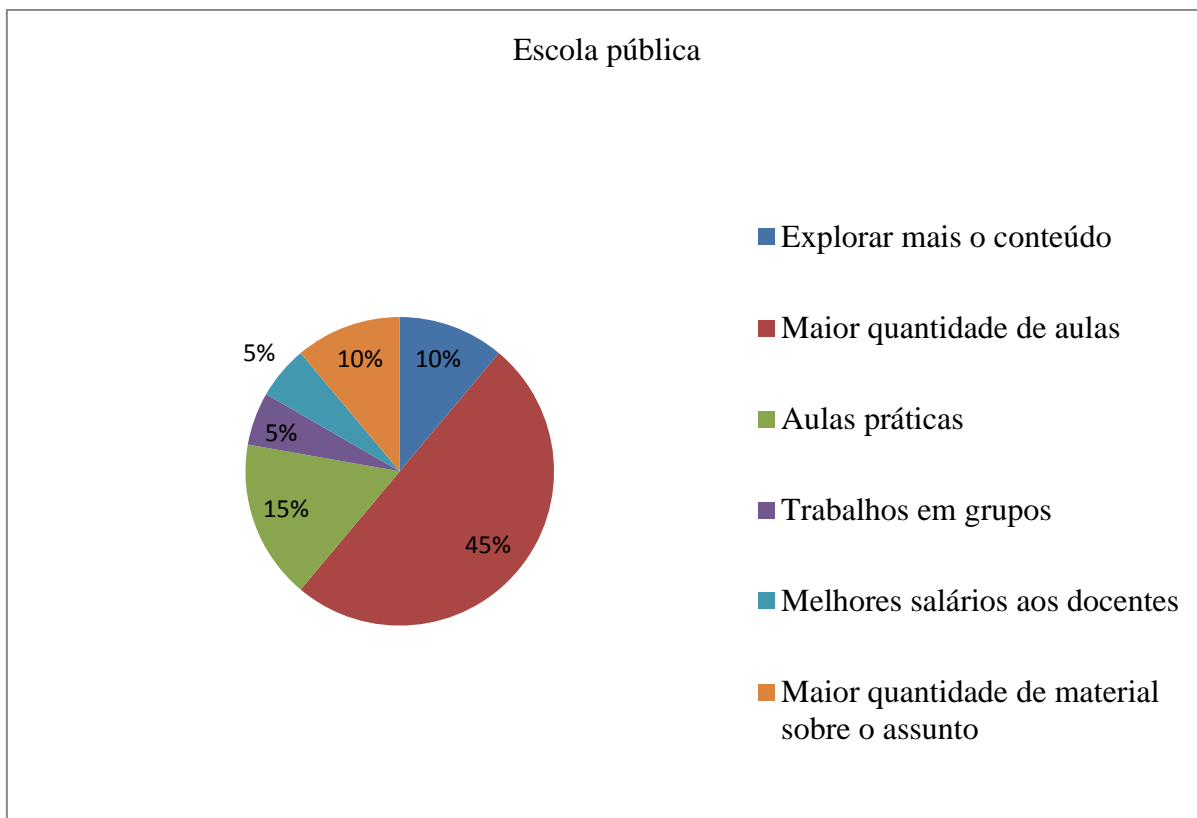
De acordo com as respostas obtidas verificamos que grande parte dos alunos tanto da escola pública quanto da privada mostram-se satisfeitos com o desenvolvimento da disciplina História do Piauí, entretanto a parcela que está descontente com a forma como é ministrado

esse conteúdo precisa ser observada com cautela principalmente se atentarmos para o gráfico da escola privada que contém um percentual de 30% em detrimento dos 10% da escola pública de alunos insatisfeitos.

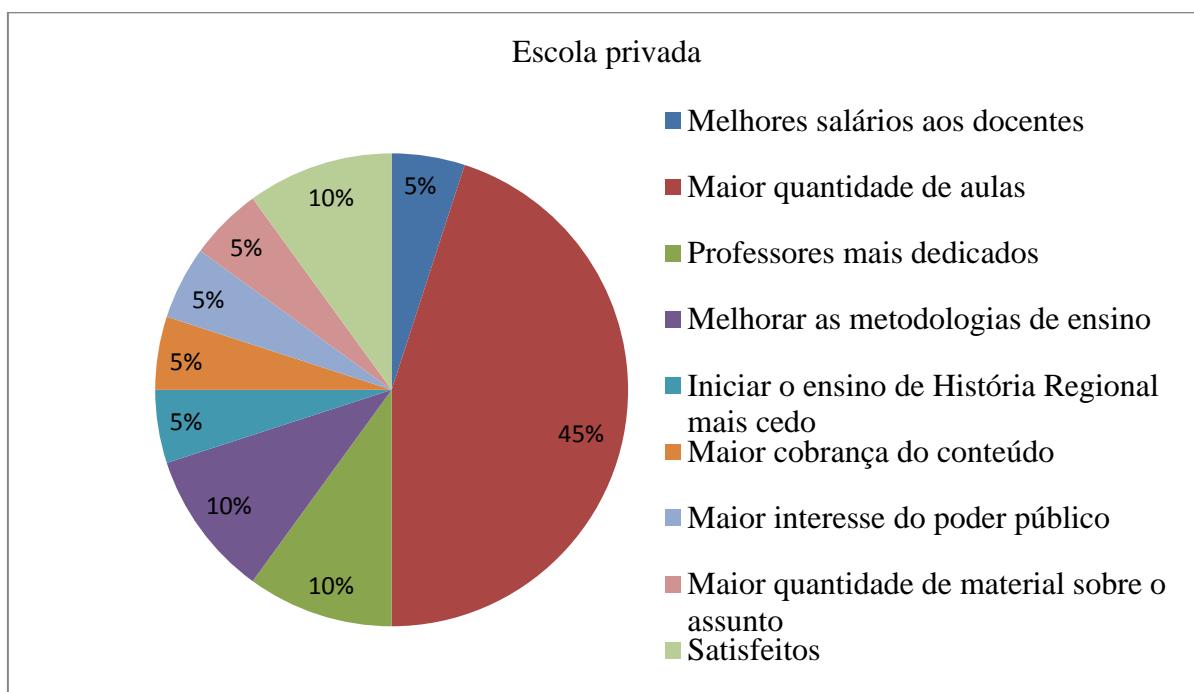
Os alunos precisam identificar-se com os conteúdos ministrados e isso só acontecerá quando os discentes conceberem-se como sujeitos que compõem e participam de uma sociedade em constante mobilidade e, para isso é primordial o exercício da reflexão sobre os fatos históricos analisando-os como construções sociais notando o contexto social em que foram escritos e descobrindo a função desempenhada pelo ensino, deste modo o aprendizado terá significado para o discente.

É fundamental que o profissional da educação fomente debates nos quais conceba a participação das classes menos favorecidas nos acontecimentos e onde os alunos tenham possibilidade de interagir entre si tendo como ponto de partida os discursos históricos disponibilizados pelos professores bem como aqueles auferidos a partir de pesquisas, entrevistas, depoimentos orais assim utilizando os diversos recursos necessários a discussão historiográfica tornará as aulas mais interessantes e estimuladoras do saber. Portanto, quando o docente recorre em sua metodologia a vários recursos torna sua aula mais atraente e facilita o levantamento de discussões tornando-as mais produtivas. Entretanto, constatamos quando analisamos a tabela anterior que os alunos não são instigados e nem estimulados a procurar novas versões da história.

Tendo como meta apreender as expectativas dos alunos em relação a mudanças que venham propiciar melhoramentos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina em questão interrogamos aos alunos sobre as alternativas que os mesmos acreditam ser essencial para aprimorar as aulas de História do Piauí. Com relação a pergunta adquirimos os seguintes resultados:



**Tabela 5-** Alternativas para melhorar o ensino de História Regional na escola pública.



**Tabela 6-** Alternativas para melhorar o ensino de História Regional na escola privada.

Ficou evidente a carência de tempo para trabalhar os temas ligados a História Regional, pois o percentual de 45% de discentes de ambas as instituições sugeriram a

ampliação da carga horária da disciplina. Constatamos que os discentes almejam uma quantidade maior de tempo para argüir sobre os temas em questão.

Na tabela referente a escola pública visualizamos além da reivindicação pelo aumento da carga horária que o alunado aspira por metodologias diversas como aulas práticas (como aulas passeio), exposição de slides e trabalhos em grupos contabilizando um total de 20%. Evidenciou-se o anseio por parte dos alunos em interagir com outras formas em trabalhar o conteúdo, já que os docentes das duas escolas hipervalorizam a exposição oral utilizando textos para as explicações. Atentamos então para a exigência da diversidade metodológica como instrumento para motivar os alunos. Outra parcela do público em foco defende o aumento dos salários dos professores (5%) enquanto 10% sentem necessidade de um acervo literário sobre o assunto. Outros 10% recomendam o aprofundamento nas discussões sobre os temas e isto só se tornará realidade quando professores a partir de metodologias diversas desenvolverem na sala de aula atividades de pesquisa nas quais os alunos tenham a oportunidade de se apropriar de variados discursos sobre um mesmo acontecimento e assim a par das várias facetas da história os discentes terão a oportunidade de discutir as informações adquiridas e, por conseguinte produzirem seu próprio conhecimento de forma dinâmica, interativa e consistente.

No gráfico da escola privada além dos 45% de alunos que almejam pela extensão ao tempo destinado a disciplina em questão como já fora discutido; 5% relacionam a melhoria dos salários dos discentes como primordial ao melhoramento do ensino da referida disciplina; 5% sugerem o aumento do acervo sobre temas ligados a historia de sua região; 5% aspiram maior interesse por parte do poder público: 5% acreditam ser preciso maior cobrança dos conteúdos; e 10% consideram-se satisfeitos não colocando nenhuma sugestão para mudança do ensino.

Ao serem investigados sobre a carga horária destinada a disciplina obtemos os resultados subseqüentes:

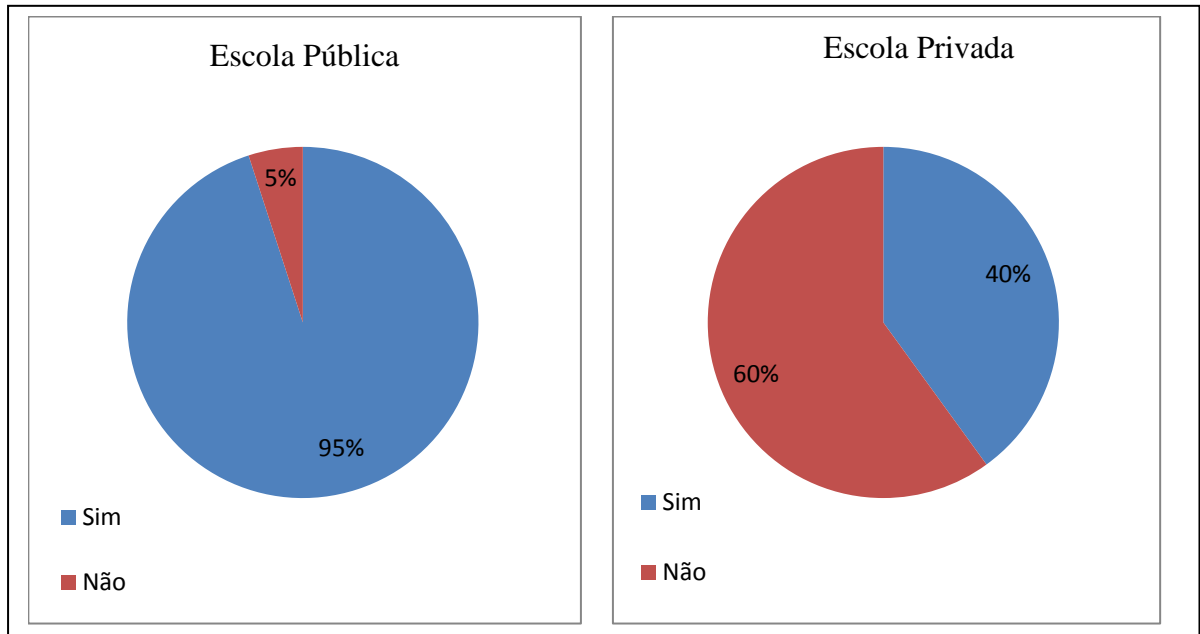


Tabela 7- Satisfação dos alunos em relação a carga horária disponibilizada a disciplina de História Regional.

De acordo com os gráficos ficou claro que a maior reivindicação dos alunos é o aumento da carga horária da disciplina como estratégia para melhorar o ensino. Entretanto, percebemos uma nuance relevante nas respostas colhidas, pois enquanto 95% dos alunos da escola pública estão satisfeitos com a carga horária destinada a disciplina em estudo na instituição privada 60% definem como insuficiente a carga horária da disciplina. Averiguamos ser uma exigência tanto de professores como dos alunos uma disponibilização maior de tempo para discutir os assuntos relacionados aos aspectos regionais.

## 4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa procurou explicitar como a História Regional contribui para a formação de um ser humano crítico, dotando-o da capacidade em identificar as formas de dominação cotidiana e promover resistências a qualquer manifestação de injustiça e desigualdade. Apesar disso, o estudo mostrou que os conteúdos devem ser trabalhados em um ambiente onde os agentes educacionais adquiram liberdade de expor suas reflexões, permitindo a presença dos múltiplos diálogos e compartilhando experiências a fim de apreender a pluralidade dos saberes.

No decorrer da pesquisa tornaram-se notórias as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do ensino regional, como a falta de capacitação a docentes, a reduzida carga horária, a ausência de um acervo bibliográfico disponível pelas instituições a docentes e discentes e a desvalorização do mesmo em relação ao nacional.

O aluno, enquanto cidadão, precisa ser estimulado a reconhecer que um acontecimento pode ser retratado por diversas expressões como músicas, poesias, jornais, fotografias, entrevistas e etc., permitindo assim, a participação dos grupos excluídos na construção de uma história na qual ele também se identifique. Desse modo, o passado é visto como recortes que precisam ser analisados a partir do contexto no qual se insere.

Desenvolver o espírito de criticidade nos alunos da EJA é um desafio a ser empreendido pelos educadores e instituições de ensino que se propõe a ofertar essa modalidade de ensino, pois os mesmos devem conscientizar-se da imprescindível tarefa de promover a inserção do aluno não só no ambiente de trabalho, mas na vida.



## BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da Realidade.** 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, C. (org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **Lei 9.394**, de 20/12/1996. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** In: \_\_\_\_\_ (org.) Magda Lopes (Trad.) São Paulo: Unesp, 1992

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: Reflexão sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, nº 2. Porto Alegre, 1990.

FERREIRA, Aurélio B. de H., **Miniaurélio século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada.** Campinas: Papirus, 1993.

\_\_\_\_\_. Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Ensino de História e a construção da cidadania.** In: SEFFNER, Fernando; BALDISSERA, Jose Alberto (orgs). **Qual ensino, qual história, qual cidadania?** Porto Alegre: ANPUH/Ed. UNISINOS, 1997.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura.** Porto Alegre: ArtMed, 1993.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GALLIANO, A. Guilherme. **O Método Científico: teoria e prática.** São Paulo: Harbra, 1986.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Entre o Local e o Nacional**: uma reflexão sobre as éticas de pertencimento e identidades sociais. In: Seminário Perspectivas do Ensino de História. 4.Ouro Preto-MG, 2001. Disponível em:<[http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/hp\\_hsg\\_lista\\_artigos.htm](http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/hp_hsg_lista_artigos.htm)>. Acesso em: 18 jan2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local no Brasil**: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Salvador: Arcádia, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul**: terra, homens, economia e poder no século XIX. Salvador: UNEB, 2003.

PACHECO, José Augusto. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PENIN, S.T.S. **A aula**: espaço de conhecimento, lugar de cultura. Campinas: Papyrus, 1994.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos da escola à academia. 2 ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

\_\_\_\_\_. Maria Lucia de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. 3.ed. São Paulo: Rêspel, 2008.

PRIORI, Ângelo A. **História regional e local**: métodos e fontes. São Paulo: [S.l.], 1994.

SACRISTÁN, J.G.Currículo e diversidade cultural.In: SILVA, T.T; MOREIRA, A.F.(orgs.). **Territórios contestados**. Petrópolis: Vozes,1995.

\_\_\_\_\_. **Poderes instáveis em educação**. Tradução. Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

\_\_\_\_\_. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática. In:\_\_\_\_\_.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Art Med, 2000.

SCHMIDT, M.A. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT,C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

SCHMIDT, M.A.; GARCIA, T.M.F.B. Construindo a sala de aula como espaço de conhecimento compartilhado: cultura e ensino de história. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DESENVOLVIMENTO HUMANO: **ABORDAGENS HISTÓRICO-CULTURAIS**, 1., 1999, São Paulo. *Caderno de resumos*. São Paulo: Universidade São Marcos, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**: A árvore da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1987.